



SUJEITO PREPOSICIONADO EM ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO: DESCRIÇÃO E PRESCRIÇÃO

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos (UFPI)¹
maladosanjos@hotmail.com

Meryane Sousa Oliveira (UFPI)²
meryaneoliveira@hotmail.com

Maria Eduarda Carvalho dos Reis (UFPI)³
dudaa_me@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar, com base nos conceitos de Norma Padrão e de Norma Culta, conforme Faraco (2008), o emprego da preposição *de*, contraída ou não, em construções sintáticas com sujeito preposicionado em orações reduzidas de infinitivo. As ocorrências com tal estrutura sintática foram extraídas de *corpus* representativo da modalidade escrita culta monitorada (25 dissertações e 25 teses das áreas de humanas e exatas das Universidades de Brasília e de São Paulo). O confronto das ocorrências extraídas do *corpus* se deu com as regras encontradas em gramáticas, dicionários e *blogs* da internet. Com a análise dos dados, constatou-se que, por área, existe diferença quanto ao uso. Na área de Humanas, houve predominância de uso padrão e, na área de Exatas, houve predominância de uso culto. Outra observação a ser destacada é que a contração parece ser mais favorecida quando o item contraído é mais de natureza gramatical do que lexical. Os casos de não contração, por sua vez, são mais comuns quando o elemento a ser contraído com a preposição é de natureza lexical. No cômputo geral, é possível, pois, para o caso analisado, afirmar que as formas contraídas ou não, nos termos da Sociolinguística Variacionista, são, de fato, formas variantes concorrentes.

PALAVRAS-CHAVE: Norma Padrão; Norma Culta; descrição; prescrição.

ABSTRACT: This paper aims to analyze, based on the concepts of standard norm and non-standard norm Faraco (2008), the use of preposition *de*, contracted or not, in sintatic constructions with prepositive subject in reduced infinitive sentences. The occurrences related to this sintatic structure were removed from the *corpus* representative of the non standart written form closely watched (25 dissertations and 25 theses of human sciences and exact sciences universities of Brasilia and São Paulo). The occurrences extracted from the *corpus* were compared to the rules found in grammars, dictionaries and blogs. According to the analysis of the data, it is established that, related to the area, there is a difference regarding to the use. In the human sciences area the standard use predominated and, in the exact sciences area the non-standard use one. One more observation must be highlighted, the fact that the contraction seems to apper more often when the contracted item seems to be more of a grammatical nature than a lexical one. The non-contracted cases are more common when the element to be contracted with the preposition comes from a lexical nature. In general count it is possible for the case analyzed, to say that the contracted forms and non-contracted forms, in the terms of the sociolinguistics variationist, they are for a fact, concurrent variants forms.

¹ Professor Dr. na Universidade Federal do Piauí.

² Graduada em Letras-Português na Universidade Federal do Piauí.

³ Graduada em Letras-Português na Universidade Federal do Piauí.



KEYWORDS: Standard Norm; Non-standard Norm; description; prescription.

Introdução

O interesse pelo tema deste artigo é consequência das pesquisas em curso no âmbito do Grupo de Pesquisa *As normas linguísticas no/do Brasil: história, pesquisa e ensino*, cadastrado no CNPq em 2013.

O ensino de algumas regras prescritivas apresenta problemas, dentre outras razões, por não estarem de acordo com o que os usuários da língua vêm fazendo em textos escritos cultos, sobretudo naqueles que são produzidos contemporaneamente, os quais, não raras vezes, costumam divergir do que é apregoado pela Gramática Tradicional (doravante, GT). Quando se parte para um estudo científico dos usos efetivamente realizados por falantes e/ou escritores cultos, percebe-se que não se é razoável condenar, aprioristicamente, aqueles usos que já estão assentados em textos escritos formais muito monitorados, como é o caso, por exemplo, de teses e dissertações, que são o *corpus* deste estudo.

Alguns gramáticos e linguistas já se preocupam em trazer, em seus trabalhos, considerações acerca das variações que a língua apresenta. No entanto, gramáticos mais conservadores insistem em prescrever, não levando em consideração estudos mais atuais, regras categóricas, que apontam, em geral, para apenas uma opção, o que é, costumeiramente, a práxis tradicional.

Dessa forma, neste artigo, busca-se comparar e analisar as regras trazidas por gramáticas, dicionários, sítios e *blogs* da internet com o *corpus* aqui selecionado, com o intuito de, a partir do confronto, possibilitar a revisão, no sentido mesmo de atualização, desses materiais, de modo a contribuir, efetivamente, para a aproximação entre o que se faz de fato e o que é prescrito em fontes normativas. Essa discussão se vale, pois, dos conceitos de Norma Padrão (doravante, NP) e Norma Culta (doravante, NC), uma vez que esta equivale, aqui, aos usos concretos atuais e aquela equivale ao que é apregoado, sobretudo, pela GT.

1. Metodologia

No presente trabalho, fez-se uma pesquisa bibliográfica de natureza quantitativa, pois, ao mesmo tempo que abrange a leitura de obras em que a estrutura sintática fora encontrada, fez-se a quantificação dos dados, para, posteriormente, analisá-los e discutí-los.

Para o presente artigo, foram selecionadas (25 dissertações e 25 teses), assim distribuídas: 5 dissertações de Direito; 5 dissertações de Matemática; 5 dissertações de Pedagogia; 5 dissertações de Artes e 5 dissertações de Geografia; 5 teses de Direito; 5 teses de Física; 5 teses de Filosofia; 5 teses de Ciências Contábeis e 5 teses de Engenharia Mecânica das Universidades de Brasília e de São Paulo, como amostra de uso culto escrito da primeira década do século XXI. Este recorte temporal deve-se a uma necessidade de atualização das normas, as quais precisam tanto quanto possível estar mais próximas dos usos atuais.

A seleção desses gêneros se explica pelo fato de fazerem parte de um grupo de gêneros com alto grau de monitoramento. As áreas do conhecimento foram escolhidas a partir de uma hipótese inicial, a de que talvez houvesse diferenças com relação ao uso culto e ao uso padrão nas áreas selecionadas. Outra hipótese aventada tem a ver com a possibilidade de maior contração para os itens de natureza mais gramatical (pronomes) e de menor contração para os itens de natureza lexical (substantivos).

Levantadas as hipóteses, passou-se à catalogação das ocorrências. Na etapa seguinte, as ocorrências foram organizadas e analisadas, consoante os conceitos de NP e NC, em quadros que apresentam o total das ocorrências por norma e, conseqüentemente, os respectivos percentuais. Foram criadas legendas para os exemplos retirados do *corpus*, com o intuito de localizar as respectivas ocorrências dentro do material selecionado para este artigo. Elas identificam se são teses (T) ou dissertações (D); a sequência enumerada no banco de dados; a área a que pertence (Humanas ou Exatas); a instituição a que está vinculada; o ano de publicação da obra e a página em que a ocorrência foi retirada.

Segue-se à metodologia a discussão dos conceitos de *norma*, Norma Padrão, Norma Culta e Teoria Variacionista.

2. Discussão dos conceitos de *norma*, Norma Padrão, Norma Culta e Teoria Variacionista

Em se tratando de GT, há que se levar em conta, entre muitos aspectos, o anacronismo das regras prescritas, justamente porque muitas delas ou já não fazem sentido para quem tem de escrever textos, mesmo os mais formais, quanto porque se baseiam em *corpus* que não representa a diversidade de gêneros textuais encontrados atualmente, ou, em outras palavras, porque se baseiam em *corpus* retirado basicamente da Literatura. O que se vê, então, é que não há, via de regra, uma preocupação com a atualização dessas regras.

Costuma existir uma distância entre o que é prescrito pelas gramáticas e o que a descrição dos dados realmente traz. Dessa forma, torna-se oportuno distinguir *norma* do que é Norma Padrão e do que é Norma Culta, além de discutir, brevemente, sobre a Teoria Variacionista. Coseriu (1979; 2004) propõe a tríade *sistema, norma e fala*, indo além da distinção feita por Saussure entre “*langue*” e “*parole*”. Para o linguista romeno, norma “é fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional” (COSERIU, 2004, p.122). Com isso, *norma* é vista como uma das possibilidades que o sistema oferece, logo, é algo comum/normal nas realizações linguísticas, além de ser suscetível a mudanças. Se há variações na fala, conseqüentemente, desencadeiam-se variações na *norma*, o que pode acarretar mudanças no sistema.

Tal concepção de *norma* como sendo algo “normal/comum” é aproveitada por alguns linguistas brasileiros. De acordo com Faraco (2008), por exemplo, *norma* “se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala” (FARACO, 2008, p.37).



Feita essa breve discussão sobre o conceito de *norma*, passa-se à distinção entre Norma Culta e Norma Padrão. Para Faraco (2008), “a expressão norma culta/comum/*standart* [...] designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (Faraco, 2008, p.73), sendo entendida, portanto, como a variedade de língua dos que possuem o terceiro grau completo. A NC, para tanto, reflete o uso real feito por um segmento da sociedade em situações específicas mais monitoradas de fala ou de escrita.

A NP, por sua vez, e ainda segundo o mesmo autor, “não é propriamente uma variedade de língua, mas [...] um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização” (FARACO, 2008, p.75). Sendo, ainda, uma “codificação relativamente abstrata”, ou seja, ela não é uma representação do uso feito por toda a sociedade, mas “uma baliza extraída do uso real para servir de referência [...] a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p.75).

Tais distinções se tornam relevantes porque é possível pensar não somente no que é determinado pela NP, como regra categórica e única, mas abrir a possibilidade para usos já consagrados (NC), mas, muitas vezes, não abonados em gramáticas.

Discutidos os conceitos acima, interessam, agora, alguns postulados e conceitos da Sociolinguística. Para Mussalim e Bentes (2012, p. 54), “o que a sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de ordem linguística e de ordem social, entendendo, cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”. Dessa forma, quando um usuário da língua opta por determinada forma de uso e não por outra, ele o faz não de forma aleatória ou arbitrária, mas de forma regular e sistemática, pois essas variações de uso são inerentes aos sistemas linguísticos, sendo possibilidades de variação, o que confirma a heterogeneidade da língua.

Torna-se necessária, ainda, a discussão de alguns termos técnicos relacionados à Sociolinguística, sobretudo a Variacionista. De acordo com Tarallo (1990), o fenômeno da variação ocorre em toda comunidade de fala e “a essas formas de variação dá-se o nome de variante” (TARALLO, 1990, p.08); ao conjunto de variantes dá-se o nome de

variável linguística e as variedades são as diferentes formas de manifestação dentro de uma língua. A noção de variantes/formas variantes, em especial, tem particular interesse neste estudo, uma vez que se entende serem as construções contraídas (NC) e as não contraídas (NP) nada mais do que concorrência de duas formas disponíveis na língua, ou seja, são formas variantes.

A estrutura sintática aqui analisada foi procurada não só em gramáticas/obras de referência⁴, mas também em dicionários, em sítios e *blogs* que abordam o tema. No tópico seguinte, é possível visualizar como os diferentes autores abordam a questão.

3. Sujeito preposicionado em orações reduzidas de infinitivo

No quadro abaixo, tem-se um panorama de como o tema é retratado nas fontes consultadas.

<i>ELIA</i> (<i>Na ponta da língua</i> /1998)	<i>BECHARA</i> (<i>Moderna Gramática Portuguesa</i> /2009)	<i>CEGALLA</i> (<i>Dicionário de dificuldades da língua portuguesa</i> /2012)	<i>BLOGS E SÍTIOS</i>	<i>CORPUS DE LÍNGUA ESCRITA CULTA</i>
NP ou NC	NP ou NC	NP ou NC	1-NP ou NC 2-NP ou NC 3-NP 4-NP ou NC 5-NP 6-NP 7-NP 8-NP 9-NP 10-NP	NP ou NC

Quadro 1: Fontes consultadas

Em seu artigo intitulado “*Sujeito regido de preposição*”, no livro *Na ponta da língua*, Elia (1998) considera ‘comuníssima’ a combinação da preposição *de* com

⁴Entende-se por Gramáticas/obras de Referência aquelas em que, via de regra, os autores têm notório saber filológico e/ou linguístico.



artigos ou pronomes. Bechara (2009), em sua *Moderna gramática portuguesa*, ao abordar o tema afirma que:

Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. (Bechara, 2009, p. 568)

No *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa* (2012, p.113), Cegalla ratifica que “É lícito, em benefício da eufonia, contrair a prep. *de* com o artigo ou o pronome antes de orações infinitivas [...]”

Os autores mencionados acima compartilham da mesma ideia, a de que é válido o uso contraído ou não, e como bem afirma Bechara, essa construção se dá por questão de eufonia. No entanto, quando se partiu para uma busca em sítios *e blogs*, nos quais, geralmente, os escritores são professores de língua portuguesa ou jornalistas, observou-se que há divergências quando eles tratam do tema.

No que tange ao uso tanto do culto (com contração) quanto padrão (sem contração), seguem os autores que reconhecem as duas estruturas como sendo possíveis. No sítio *Sua língua*, assinado por Cláudio Moreno, o autor apresenta as duas possibilidades de uso de sujeito preposicionado em orações infinitivas. Para ele “Na escrita, podemos escolher: os grandes escritores preferem a primeira, a imprensa em geral prefere a segunda. Na fala, porém, a elisão é obrigatória”⁵.

No sítio *Observatório da imprensa*, assinado por Pasquale Cipro Neto, este afirma que “[...] a contração da preposição com o artigo (ou com alguns pronomes, como ‘ele’, ‘ela’, ‘este’, ‘esta’ etc.) é mais do que comum.” No entanto, faz uma ressalva de que em textos jornalísticos a separação ocorre em quase 100% dos casos⁶.

No sítio da *Revista: língua portuguesa*, assinado por Sérgio Simka, o autor reconhece o uso de ambas as possibilidades⁷.

⁵ Visualizar em :<http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2012/06/23/antes-do-ano-terminar/>

⁶ Visualizar em :http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/pasquale_cipro_netto_30700

⁷ Visualizar em :<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/16/artigo181048-1.asp>



Em um total de dez sítios ou *blogs* consultados, três admitem as duas formas como concorrentes.

Conforme se viu acima, os autores reconhecem ambas as possibilidades. Contudo, são feitas algumas ressalvas pelos próprios autores, quanto ao uso na fala ou na escrita. Para Cláudio Moreno, em se tratando de fala, a elisão é obrigatória, o que demonstra que o falante se vale do recurso da junção e na escrita a regra torna-se optativa. Já para Pasquale, quando se trata de textos jornalísticos, a separação ocorre em quase 100% dos casos, mesmo sem o autor citar nenhum estudo que comprove sua afirmação.

Juntam-se aos autores mencionados os outros sete analisados neste trabalho, os quais, ao apresentarem a regra, não reconhecem a variante culta. Caso não, veja-se a seguir.

No blog *Gramaticando*, de Silvio Augusto, fica clara sua preferência pela NP, conforme se pode ver nas palavras do próprio autor “não diga/escreva mais que chegou a hora da onça beber água”⁸; no sítio *O Estado de S. Paulo: Manual de Redação e Estilo*, assinado por Eduardo Martins, o autor, ao apresentar os cem erros mais comuns, no tópico 94, evidencia sua preferência pela NP. Nas palavras do autor, “Não se deve fazer a contração da preposição com artigo ou pronome, nos casos seguidos de infinitivo”⁹; no sítio da UOL, escrito por Dílson Catarino, o autor afirma que “A contração da preposição com o artigo passa a ser equivocada se o elemento posterior à preposição funcionar como sujeito de um verbo. Se o elemento posterior à preposição funcionar como sujeito, o artigo deverá ficar isolado”¹⁰; no sítio *Recanto das Letras*, Ricardo Sérgio demonstra também sua preferência pela NP, quando afirma que “se você quiser ser, absolutamente lógico, a gramática diz que a preposição [de] não se funde com o sujeito do infinitivo”¹¹; Vânia Maria do Nascimento Duarte, no sítio *Português:*

⁸ Visualizar em : <http://blog.tribunadonorte.com.br/gramaticando/nao-existe-a-hora-da-onca-beber-agua/647>

⁹ Visualizar em : <http://www.estadao.com.br/manualredacao/erro.shtm>

¹⁰ Visualizar em: <http://vestibular.uol.com.br/pegadinhas/ult1796u152.jhtm>

¹¹ Visualizar em : <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3019594>

o seu sítio da língua portuguesa, como os outros, admite apenas a NP¹²; no sítio *Dicas de português*, escrito por Pedro Valadares, o autor afirma que “não existe sujeito preposicionado. Sujeito só é acompanhado por artigo ou numeral”¹³; no sítio *Brasil escola*, assinado por Mayra Pavan, há a afirmação de que “é um equívoco usar a contração.”¹⁴

Para eles, só é possível, então, a construção em que não ocorre a junção. Diante de uma maioria que só reconhece a NP, os aprendizes tendem a aceitar somente esta forma. As orientações, no entanto, devem pautar-se também em usos reais da língua, ou ainda, naquilo que já está devidamente assentado na escrita muito monitorada, como se verá no tópico abaixo.

Feitas essas considerações, passa-se ao resultado das análises dos dados.

4. Resultados das análises

Na análise do *corpus* de língua escrita culta, registrou-se um total de 199 ocorrências de *Sujeito preposicionado em orações reduzidas de infinitivo* nas áreas de Exatas e Humanas, assim distribuídas:

NORMA	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
PADRÃO	138	69,3%
CULTA	61	30,7%
TOTAL	199	100%

Quadro 2: quantidade total de ocorrências

Conforme os dados apresentados no quadro acima, nota-se que os resultados apontam a preferência pela NP. O percentual de 69,3% não deve deixar de ser entendido em relação ao gênero textual selecionado (teses e dissertações), as quais, pelo próprio

¹²Visualizar em :<http://www.portugues.com.br/gramatica/de-ou- apenas-que-forma-utiliza-los.html>

¹³Visualizar em :<http://dicasdeportugues.tumblr.com/post/26972343998/apesar-da-ou-apesar-de-a>

¹⁴Visualizar em :<http://www.brasilecola.com/gramatica/apesar-ou-a.htm>



rito acadêmico, são, em geral, muito monitoradas. Mesmo neste universo genérico, a presença da construção contraída (NC) é deveras significativa. Um recorte genérico mais amplo e mais exaustivo pode indicar, mais adequadamente, o real lugar dessa construção nesses textos diversos.

Com o resultado total do quadro 1, pode-se afirmar, a partir da análise, que os escritores fazem o uso tanto da Norma Padrão como o uso da Norma Culta, confirmando, assim, que as formas são concorrentes.

Para melhor visualização dessas informações mencionadas anteriormente, ver exemplos de ocorrências retiradas do *corpus* analisado:

(1) O fato *de*, desde o início, *a* implantação desse parque industrial nas várzeas *ter* ocasionado a poluição das águas [...] (D2HUSP_12, p. 12)

(2) No caso da parcela em estudo, o fato *desta* camada *estar* sempre recoberta por colúvio, indica processos erosivos atuais e intensos. (D2HUSP_12, p.83)

Os exemplos supracitados demonstram que tanto o uso padrão como o uso culto são possíveis, pois os autores das teses e dissertações fazem o uso indiscriminado das duas formas inclusive na mesma dissertação, como nos exemplos (1) e (2).

Uma das hipóteses levantadas durante a catalogação dos dados foi a de que quando o sujeito da oração é um elemento lexical parece haver maior probabilidade de separação da preposição com o artigo e quando o sujeito é um elemento gramatical parece haver maior probabilidade da junção da preposição com o este pronome. Ver quadro abaixo:

ELEMENTO LEXICAL (SEPARADO)	130	65,3%
ELEMENTO LEXICAL	42	21,2%

(JUNTO)		
ELEMENTO GRAMATICAL (SEPARADO)	8	4%
ELEMENTO GRAMATICAL (JUNTO)	19	9,5%
TOTAL	199	100%

Quadro 3: separação/junção de elemento lexical ou gramatical

É possível perceber, no quadro acima, que a hipótese relacionada à junção ou não de elemento lexical ou gramatical confirmou-se. Em um universo de 199 ocorrências, 130 ou 65,3% desse total apresentam-se com a construção com item lexical separado, correspondendo ao uso Padrão e 19 ou 9,5% apresentam-se com a construção com pronome junto à preposição, correspondendo ao uso Culto. Na primeira forma, quando o item lexical é separado, parece que se quer dar uma maior ênfase ao sujeito e, na segunda forma, quando se usa o pronome ligado à preposição, o escritor o faz de forma natural, visto que essa construção já foi incorporada por ele. Bechara (2009, p. 568), ao tratar do tema, também afirma que “Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito”.

Os exemplos abaixo ilustram o que ora se discute:

- (3) A viabilidade *de os* direitos humanos *virem* a preencher esse vazio [...] (D4HUnB_11, p.65)
- (4) Esta barreira é semelhante ao cristal de silício, evidenciando a possibilidade *desse* tipo de defeito *ocorrer* em nanoestruturas. (T3EUSP_07, p. 90)

Como se vê no exemplo (3), faz-se o uso de elemento lexical separado, o que parece mesmo dar maior ênfase ao sujeito. Já no exemplo (4), há a junção da preposição

de como pronome demonstrativo *esse*, o que demonstra que se trata, possivelmente, de uma construção já internalizada, por hábito ou por eufonia, por quem escreve. Sendo assim, uma construção (a não contraída) parece exigir o conhecimento e domínio explícito da regra, de modo a se tratar de um uso deliberado. Na outra (a contraída), parece se tratar de um uso espontâneo, consequência talvez de condicionamentos fonético-articulatórios.

Os quadros 4 e 5 trazem os quantitativos de ocorrências do fato sintático analisado por área.

NORMA	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
PADRÃO	115	75,6%
CULTA	37	24,4%
TOTAL	152	100%

Quadro 4: área de Humanas

NORMA	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
PADRÃO	23	48,9%
CULTA	24	51,1%
TOTAL	47	100%

Quadro 5: área de Exatas

Percebe-se, no quadro 4, que o que prevalece é a NP, aquela em que a preposição vem separada do artigo ou pronome. No caso da área de Humanas, é lícito admitir que a alta frequência de construção padrão se deve à influência do curso de Direito, como se pode observar no quadro abaixo:

NORMA	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
PADRÃO	78	92,8

CULTA	6	7,2
TOTAL	84	100%

Quadro 6: Ocorrências em teses e dissertações do curso de Direito

De um universo de 152 ocorrências da área de Humanas, 84 são do curso de Direito, mais significativo ainda é o fato de que das 84 ocorrências 78 estão de acordo com a NP.

No quadro 5, o da área de Exatas, predomina, mesmo que com pequena diferença, o uso culto. O que fica evidente é que se têm formas variantes e o que se propõe é que o uso culto seja incorporado ao rol das regras prescritivas, passando a ser uma possibilidade devidamente abonada em materiais de cunho normativo. Não é forçoso conjecturar que, para a diferença entre áreas, talvez tenha feito diferença o perfil socioeconômico dos alunos e os possíveis reflexos disso nas escolhas dos cursos mais ou menos prestigiados socialmente, além é claro da tendência natural à formalidade linguística na área de Direito.

Cumprir mencionar ainda, como verificação possível a partir deste estudo, que há grande recorrência da construção sintática “*o fato de ...*”, a qual ocorre 73 vezes, sendo 60 NP e 13 NC. A prevalência da NP pode ter a ver com o fato de ser uma já expressão cristalizada e internalizada na forma não contraída. Mesmo nessa construção, insinua-se a forma contraída, como se observa nos exemplos abaixo:

(5) *O fato de* o respondente ser do gênero masculino não apresentou nenhuma influência [...] (T2EUnB_12, p.76)

(6) Creditamos *ao fato dos* níveis da impureza serem fixados energicamente [...] (T3EUSP_07, p.115)

No tópico seguinte, as considerações finais.



5. Considerações Finais

O ponto mais significativo deste trabalho é perceber que as questões gramaticais precisam, urgentemente, ser revistas e que a doutrina normativa não pode deixar de lado as variações que a língua fornece. É preciso que haja um equilíbrio entre o que os manuais prescritivos trazem e o uso efetivo que as pessoas fazem da língua.

Deve ser dever da escola buscar o equilíbrio no ensino, principalmente em se tratando de regras, que não são dogmas, mas, sim, codificações extraídas do uso real e que deveriam servir de referência para o ensino. E é isso que a escola deve promover nas suas atividades de língua escrita, situações reais de escrita que condicionam o uso linguístico.

Com este trabalho, é possível afirmar que se pode fazer o uso não só do que as gramáticas preveem, mas também de uma modalidade com que os escritores já estão familiarizados, entendida aqui como NC. E, dessa forma, o que se pode levar como contribuição desta discussão é a sugestão de um ensino que leve o aluno a refletir sobre sua língua materna, dando, dessa forma, opções de usos que já têm seu lugar na língua e que nada mais são do que formas variantes concorrentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Silvio. "Não existe a hora da onça beber água!". Gramaticando. Disponível em: <<http://blog.tribunadonorte.com.br/gramaticando/nao-existe-a-hora-da-onca-beber-agua/647>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.



- CATARINO, Dílson. "Apesar 'da' ou 'de a' maioria ser contra?". Uol. Disponível em: <<http://vestibular.uol.com.br/pegadinhas/ult1796u152.jhtm>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa: edição de bolso**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.
- DUARTE, Vânia Mariado Nascimento. De o ou apenas do – de que forma utilizá-los?. Português: o seu sítio da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/gramatica/de-ou- apenas-que-forma-utiliza-los.html>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- ELIA, Sílvio, org. [et ali]. **Na ponta da língua**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português: Lucerna, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Eduardo. Os cem erros mais comuns. Manual de Redação e Estilo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/manualredacao/erro.shtm>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- MORENO, Claudio. Antes do ano começar. Sua Língua. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2012/06/23/antes-do-ano-terminar/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 9 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.
- NETO, Pasquale Cipro. Entre aspas. Observatório da imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/pasquale_cipro_netto_30700>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PAVAN, Mayra. Apesar da ou de a?. Brasil escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/gramatica/apesar-ou-a.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- SÉRGIO, Ricardo. É hora de a ou da festa acabar?. Recanto das Letras. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3019594>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- SIMKA, Sérgio. **Gramática Tradicional**. Revista Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/16/artigo181048-1.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- VALADARES, Pedro. Apesar da ou apesar de a?. Dicas de português. Disponível em: <<http://dicasdeportugues.tumblr.com/post/26972343998/apesar-da-ou-apesar-de-a>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.**São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido Para Publicação em 16 de abril de 2014.
Aprovado Para Publicação em 9 de maio de 2014.